

**FLICTS: A LEITURA DO TEXTO E DA IMAGEM SE FAZ  
NECESSÁRIA AO MESMO TEMPO (UMA ANÁLISE,  
APONTANDO POSSÍVEIS EFEITOS DE SENTIDOS,  
COLABORANDO ASSIM, PARA AS REFLEXÕES DISCENTES  
QUE POSSAM MUDAR PRÁTICAS SOCIAIS)**

*Maria Aparecida Alves Ribeiro* (UEMS)  
[mariaapalri@gmail.com](mailto:mariaapalri@gmail.com)

**RESUMO**

Os textos infantis cativam pela beleza de sua tecedura, manifestação de valores sociais, desenhos coloridos, levando assim, o leitor e o ouvinte de histórias a um mundo polí-cromático de imagens e sentidos que podem revelar no sujeito alteridade, consciência de materialidade histórica e o sentimento de pertencimento. As ciências do ensino funda-mental e médio como Sociologia, Geografia, História, Arte e Linguagens exploram o uni-verso da literatura infantojuvenil com a finalidade de avivar no aluno o gosto pela leitu-ra. Partindo deste pressuposto, este artigo tem como objetivo analisar o livro de literatu-ra infantojuvenil “Flicts” do desenhista, cartunista, artista plástico, jornalista e escritor Ziraldo Alves Pinto, fazendo assim, um recorte nos discursos para observar como são construídos alguns dos sentidos nesta obra em que o texto e a imagem precisam ser lidos juntos, uma vez que, caso sejam analisados em separado os significados podem ser pre-judicados. A análise do recorte que se faz da obra “Flicts” não segue em detalhes todo o texto, são fragmentos de escritos em que se analisa o interior dos discursos que propõem reflexões que colaboram para que os alunos possam modificar práticas sociais. Para o trabalho de análise o aporte teórico em AD é (ORLAND, 2013), que conceitua que o su-jeito vai se construindo no dizer, “no mesmo e no diferente” (ORLANDI, 2013, p. 36), seu discurso está sujeito a interpretações, as palavras e expressões do sujeito estão em possi-bilidade de apreensão, com possibilidade de margem ao engano que “mostra” o sujeito (re) significando-se, produzindo “efeitos de sentido” (ORLANDI, 2013, p. 36).

**Palavras-chave:**

**Flicts. Discurso. Ensino.**

**1. Introdução**

Os textos infantis encantam pela beleza de seus enredos, construções simbólicas e ilustrações levando leitor e ouvinte de histórias a um mundo colorido de imagens e construções imaginárias dando ênfase aos sentimen-tos mais escondidos do sujeito. É a subjetividade da linguagem.

Com o passar do tempo esta linguagem presente nos livros infantis passou a ser objeto de pesquisa e também de cuidado em sua criação, por parte do escritor, ao produzir as obras para um público exigente, uma vez

que, estes textos podem ser lidos por todas as idades.

Os gêneros narrativos infantis são mecanismos importantes, não só no campo de incentivo à leitura, como também na contribuição com o despertar de valores sociais propiciando, assim, a oportunidade de posicionamento por parte do leitor em formação.

Os textos em quadrinhos são defendidos como recurso de ensino por pesquisadores que propõem uma análise por parte do professor para trabalhar a interdisciplinaridade na escola. O texto precisa ser selecionado tendo a relação com o que é ministrado em sala de aula. As ciências humanas podem explorar o universo da literatura infantojuvenil como uma forma simples, acessível e provocativa de mudar práticas sociais no leitor.

Este artigo tem como objetivo analisar o livro de literatura infantojuvenil *Flicts* do desenhista, cartunista, jornalista e escritor Ziraldo Alves Pinto, fazendo assim, um recorte nos discursos para observar como são construídos alguns dos sentidos, para que reflexões por parte de alunos e professores possam ser abordadas em sala de aula.

Deste modo, o texto é conduzido da seguinte maneira: primeiro o conceito de linguagem, dando destaque ao que está relacionado ao texto de Ziraldo. Em seguida, o trabalho procura em Orlandi (2013), descrever a linguagem em análise de discurso. Então com os recortes em AD passamos aos discursos dos documentos do MEC que orientam o incentivo à leitura de literatura infantil.

Após, falamos um pouco de Ziraldo, escritor brasileiro, representante da literatura infantil no exterior e das peculiaridades de sua obra. A história de *Flicts* e assim, as análises de discursos e as reflexões ao final relembram as partes relevantes do texto.

A seguir algumas considerações sobre linguagem.

## **2. Linguagem**

Não conseguimos imaginar a sociedade construída sem a linguagem. Percebe-se o mundo através da linguagem. A linguagem como sabemos, não se restringe ao linguístico, mas também ao mundo das cores, dos gestos, da mímica, do movimento, ao universo de sistemas de sinais rudimentares e a comunicação complexa. Para Benveniste (1995, p. 286), é na lin-

guagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de “ego”.

A maneira como as relações sociais são regidas através da linguagem é problematizada a todo o momento. Ao expressar-se o homem coloca seu pensamento, seu posicionamento e este ato provoca no outro uma resposta mesmo que não linguística que expõe o sujeito aos equívocos que suas colocações provocam no outro. Ao provocar o ato da fala, sabe-se que não há neutralidade.

O ato de falar ao outro, de se posicionar, de se manifestar pela linguagem de estar interagindo é o que marca a interpelação do homem pela ideologia. E é esta prática, a da interação e construção de subjetividade na linguagem ao longo da história que será tratada no artigo.

### **3. *Análise de discurso***

O presente artigo trabalha com a análise de discurso em linha francesa. A análise de discurso tem o seu início da década de 60 (sessenta), o que não significa que antes o seu objeto não existia. O objeto da AD é a língua em movimento, de modo que, ao analisar os enunciados observam-se os sentidos produzidos pela frase, pela pontuação ou pela falta de elementos que produziam/produzem sentidos.

Ao longo da história, a preocupação dos estudiosos com a tradução, leitura e interpretação de textos antigos surgia da necessidade de se observar o que foi escrito no passado para entender a organização social destes povos. A AD surge com a proposta de provocar repostas para “como” determinada situação enunciativa aconteceu ao contrário do que se procurava até então, somente respostas para “o que” aconteceu. (ORLANDI, 2013, p. 18)

Segundo Orlandi (2013), para a Análise de Discurso:

- a. a língua tem sua ordem própria mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem);
- b. a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos);
- c. o sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como

elas o afetam. Isto redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia. (ORLANDI, 2013, p. 18)

Assim, a autora leva o leitor a uma reflexão sobre como a AD se comporta diante do discurso que é percurso (ORLANDI, 2013), simbólico e o objeto produz sentidos, uma vez que, o sujeito não tem controle sobre a língua, onde num exemplo simples como no do conceito de público: universidade / escola, os efeitos de sentido “pulam” ideologicamente, ou seja, a interpretação com o surgimento da AD passa a buscar a não neutralidade de enunciados, procura a interpretação política, histórica e social da identidade do sujeito.

O sujeito “usa”, do parafrasear sem estar consciente. O sujeito não apreende tudo ao seu redor. Segundo (ORLANDI, 2013 p. 37), o acontecimento discursivo é o movimento da paráfrase e da polissemia. O movimento histórico e da língua possibilitam “novos sentidos” para o sujeito “construir” os discursos que resultam sempre em sentidos diversos marcados por sujeitos levados a discursivizar na prática cotidiana. A paráfrase e a polissemia dão ao sujeito a impressão, “a ilusão” necessária de que o discurso é dele, nasce nele e produz o efeito de sentido que ele deseja.

Dessa maneira, ao descrever a “prática discursiva” do sujeito, Orlandi (2013, p. 37), conceitua que o sujeito vai se construindo no dizer, “no mesmo e no diferente” (ORLANDI, 2013, p. 36), seu discurso está sujeito a interpretações, as palavras e expressões do sujeito estão em possibilidade de apreensão, com possibilidade de margem ao engano que “mostra” o sujeito (re) significando-se, produzindo “efeitos de sentido” (ORLANDI, 2013, p. 36).

Entende-se, de outra forma, como é construído o conceito de deslocamento: o mesmo e, o novo acontece. Que a princípio, o discurso indica que o sujeito se apresenta com definições estáveis, que segundo Pêcheux (1988, p. 160), sugere que o sujeito tem uma prática discursiva esperada da sua posição-sujeito, quais são os significados dos papéis sociais.

Porém se há uma conduta discursiva “diferente” do que “deve” ser, ou instável de determinado papel social, isso deixa perceber que há “deslocamento” (ORLANDI, 2013, p. 36), provocando “outros efeitos de sentido” em determinada prática discursiva.

No presente artigo observaremos alguns elementos de análise de discurso. A seguir os discursos presentes recentemente em documentos sobre o

ensino e leitura no país.

#### **4. Discursos normatizados sobre a leitura na escola em bibliotecas**

A escola é uma instituição atravessada pelos discursos da sociedade, onde o político, o social, o histórico e o normatizado se fazem presentes. Entre os discursos que normatizam a escola faremos um pequeno recorte utilizando alguns sobre a prática social da leitura.

O Diário da União de 13 de julho de 2018, seção 01, página 01, traz a publicação da Lei n. 13.696 que o presidente da república Michel Temer aprovou no dia 12 de julho de 2018 que procura regulamentar a leitura no Brasil. No “Art. 1º Fica instituída a Política Nacional de Leitura e escrita como estratégia permanente para promover o livro, a leitura, a escrita, a literatura e as bibliotecas de acesso público no Brasil”.

O exposto acima trata de atender uma demanda manifestada ao longo de um percurso histórico e reforçado nos discursos que aparecem em dados de pesquisas de órgãos de representatividade de elaboração de políticas públicas no Brasil com a finalidade de fomentar programas do governo de organização da ordem social. Com os dados de que um número considerável de brasileiros está alheio ao entendimento de situações simples que envolvem leitura e interpretação de situações do cotidiano.

Segundo a agência de notícias do IBGE de julho de 2018 que divulgou os resultados coletados em 2017, a situação é ainda mais alarmante: A taxa de analfabetismo da população com 15 anos ou mais de idade é de 7,0% em 2017, sendo que a meta para 2015 era de 6,5%, “em números absolutos, a taxa representa 11,5 milhões de pessoas que ainda não sabem ler e escrever”. A maior taxa é a do Nordeste 14%, as menores taxas ficaram no Sul e Sudeste com 3,5% cada. No Centro-Oeste e Norte, os índices ficaram em 5,2% e 8,0% respectivamente. (IBGE, 2018).

Os dados acima mostram os números de quem não sabe ler, nem escrever. Outro problema encontrado em sala de aula é o fato de a criança estar fora da série adequada a sua idade e também de não conseguir ter um desempenho escolar considerável devido a vários fatores como patologias, problemas familiares, fome, e outros tantos que estudiosos, professores, gestores e famílias procuram entender na busca de solucionar. Assim, as tentativas de incentivo à leitura para uma melhor compreensão de uma so-

cidade complexa tornam-se um desafio que provoca pela novidade de competição entre “velho” e o “novo”.

O documento elaborado com a intenção de democratizar o acesso ao livro, fomentar a formação continuada de profissionais que estimulem a leitura, valorizando assim a leitura como aquisição de cultura popular é uma tentativa de desconstruir uma ideia que permeia a sociedade brasileira de que a leitura é pouco difundida, de que os livros são caros e que a escola não prioriza a leitura.

A leitura na escola é um discurso institucionalizado, visto que, há um acordo social de que a criança está na escola para aprender e ler é uma prática de aprendizagem. Porém, como na sociedade material histórica, estamos no processo mercadológico, o universo da leitura não deixa de ser uma parte importante deste segmento e livros são objetos de consumo.

Ao visitar uma biblioteca pública em Campo Grande podem-se encontrar títulos em detrimento de outros. O presente artigo procura analisar alguns pontos importantes da obra *Flicts*, dando exaltação ao que poderia ser questionado pelo professor / mediador da leitura ao apresentar o texto ao aluno. Busca mostrar um pouquinho do que temos de leitura de qualidade, do que seria um texto significativo. O texto em questão poderia ser caracterizado como um clássico, sendo que é um texto que a cada leitura pode surgir uma interpretação ou temas que estão em discussão.

Seguimos para a próxima parte nos aproximando da obra e para isso vamos comentar um pouco sobre a história de Ziraldo e seu *Flicts*.

#### **4. Ziraldo e a grande proposta**

O escritor, pai de *Flicts* tem um nome único, nasceu da combinação de Zizinha, nome de sua mãe com o de seu pai Geraldo. Ziraldo é um dos mais respeitados escritores brasileiros que nasceu em 24 de outubro de 1932, em Caratinga, Minas Gerais. Mais velho de sete irmãos, passou a infância em Caratinga, em 1949 chegou ao Rio de Janeiro, onde ficou durante dois anos e retornou a Caratinga. Em 1957 formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Minas Gerais, em Belo Horizonte. Casou-se com Vilma Gontijo com quem tem três filhos e seis netos.

A carreira de Ziraldo como escritor começou na revista Era uma Vez. Em 1954 foi para o jornal A folha de Minas com uma página de hu-

mor. Em 1957, começou a publicar seus trabalhos na revista a Cigarra e em 1963 para o Jornal do Brasil. Ziraldo é também pintor, cartazista, jornalista, teatrólogo, chargista, caricaturista e escritor.

Em 1960 suas charges e cartuns começaram a aparecer em Jornais como o Jornal do Brasil e a revista O Cruzeiro. Foi na década de sessenta que se tornou escritor de HQs, “A turma do Pererê” de sua autoria foi a primeira revista de quadrinhos colorida inteiramente brasileira que chegou a vender 120 mil exemplares. Foi retirada de circulação em 1964, por questões ideológicas contrárias ao regime vigente da época que comandava o país.

Sobre o nosso objeto de análise *Flicts*, vamos até 1969, quando Ziraldo apresentou ao editor Fernando de Castro Ferro uma antologia com cartuns e histórias de seu personagem Jeremias, o jornalista queria que o autor escrevesse um livro para crianças. Seria assim, o primeiro livro para crianças escrito por Ziraldo.

O autor contou em uma entrevista concedida à Laura Mattos editora da “Folhinha” (FOLHA DE SÃO PAULO, 21/05/2012), que foi pego de surpresa com o pedido, mas que atendeu prontamente e que tudo foi acontecendo. Com um tema de materialidade histórica como a chegada do homem à lua e a dificuldade de aceitação do diferente o livro inovou por emocionar a cada virada de página.

No lançamento do livro, no Rio de Janeiro e São Paulo, houve a repercussão reforçada pela crítica positiva de grandes escritores como Carlos Drummond de Andrade que deu ao seu criador um prestígio que correu o mundo. A primeira edição foi de 10 mil exemplares e a obra foi traduzida em outros países.

A história de *Flicts* foi por vários caminhos como o do cinema, o do teatro, tema de escola de samba, música e documentário. Assim, quase cinquenta anos depois a história de uma cor que não se encaixa em um mundo que tem preferência pelo efeito de “padronizado” é um sucesso em conquistar o público, uma vez que, ao ler de novo, o leitor pode (re) significar a história fazendo de *Flicts* um texto clássico moderno.

É importante atentar que nesta obra o analista não pode deixar de observar o contexto em que o artista Ziraldo concebeu a obra a conjuntura histórica, influências não só de Quentin Fiore, que foi o primeiro gráfico a usar a virada de página para sensibilizar, como também a inovação europeia

de concepção de livros infantis com capas duras.

Em suma, *Flicts* se revela como um marco na forma de pensar livros para crianças no Brasil. O autor teve o cuidado de preparar de oitenta laudas e até a edição analisada que é de quarenta e oito laudas, um livro com texto disposto em períodos curtos com letras amplas, palavras reiteradas sistematicamente, de forma que o texto com personagens que são cores apelam pelo que de fato existe no ser humano o bem e o mal.

*Flicts* pode ser caracterizado como uma narrativa, em um poema que fascina pela originalidade e pelas cores como personagens em formas geométricas onde a leitura acontece de cima para baixo, da esquerda para a direita. De outra forma em *Flicts* quando as cores discursam não há a presença de balões como acontece com as HQs e a fala acontece de maneira explícita.

## 5. A apresentação de “*Flicts*”



1. Capa da edição analisada

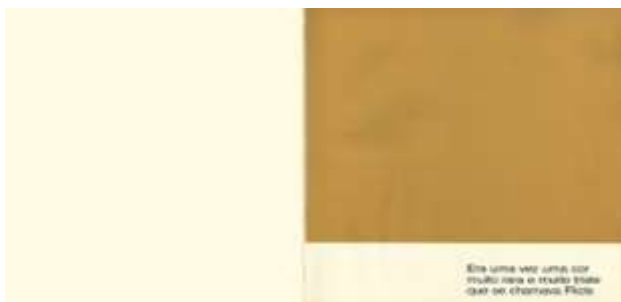
Em sala de aula, o professor pode trabalhar a História, a ética, a pluralidade cultural e o respeito às diferenças com várias propostas apresentando aos alunos o livro de Ziraldo como o mostrado na figura 1. O objeto de estudo deste artigo é modesto em análise. Um trabalho futuro poderá esclarecer mais, à medida que o analista se aprofunde nos estudos sobre o leitor e obra.

O exemplar escolhido é o da 52ª edição da Editora Melhoramentos do ano de 2005. O livro traz os desenhos do autor que com as personagens que são as cores formam uma só estrutura, pois um sem o outro o escritor



privaria o leitor de efeitos de sentido que “pulam” a cada leitura.

A análise do recorte que se faz da obra “Flicts” não segue em detalhes todo o texto, foram retirados trechos da composição para a pesquisa. A seguir serão apresentados, respeitando a ordem do enredo, fragmentos de textos do livro em que se analisará o interior dos discursos que propõem reflexões que colaboram para as reflexões dos alunos para que possam modificar práticas sociais.



2. Apresentação da personagem “Flicts”

Na página 05, como ilustrada na figura 2, temos a apresentação da personagem, iniciando com o “Era uma vez” – marcador de tempo – atemporal. Advérbio – Apresentação da personagem. Letras grandes, à direita do leitor. À esquerda, a cor branca e acima da apresentação, no lado direito, a cor *Flicts* “como rara e triste”.

Apreende-se *Flicts* como rara. Produção de efeitos de sentidos de especial. No decorrer da história a sociedade tem como prática discursiva associar a palavra rara àquilo que pouco existe no mundo. Hoje o jovem faz pesquisa através do PC de seu quarto ou de seu *iphone* para acompanhar as descobertas, apontando para sentidos de a busca pelo raro é célere. Outro sentido percebido de raro no texto pode ser associado ao incomum, algo valioso.

Nas páginas seguintes (06 e 07) a dimensão e a marcação da cor vermelha que historicamente tem como construção de sentido a força da vida/morte (o sangue), que historicamente o leitor faz relações com logotipos ou símbolos. Para a criança e jovens o vermelho pode lembrar uma marca de *fastfood*.

Por outro lado, o advérbio “não” inicia o enunciado apontando para a obviedade de evidência de sentido (ORLANDI, 2013, p. 46), sendo que a cor vermelha para nós é imponente e outra cor não seria mais forte que ela, porém é justamente neste ponto que podemos observar a “ruptura” (ORLANDO, 2013, p. 46), *Flicts* produz outro sentido puxando para ela a atenção, por quê?

Nos próximos (páginas 08 e 09): o autor coloca a cor amarela, novamente o enunciado repete com “não tinha a luz do amarelo”, aqui o jovem desloca os efeitos de sentido para a relevância do poder aquisitivo na sociedade moderna. E nas páginas seguintes (10 e 11), há um encontro ou paradoxo de enunciados, quando o leitor vira a página, pois do lado esquerdo há “nem a paz que tem o azul”.

Aqui, neste caso, observamos a ideologia sob o olhar de Orlandi (2013, p. 47) ao recorrermos à história para justificar a presença da cor azul. Sendo que a cor azul do mar /céu, voltando para o recurso da memória leva ao sentido de firmamento. O jovem pode pressupor o infinito/solidão. Para a autora (ORLANDI, 2013, p. 46) “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”.

À parte, nas páginas 10 e 11, temos a personagem azul em grande parte, a cor branca em menor como se houvesse o nada embora não citada e *Flicts* somente um “feixe” da personagem. Um problema de saúde pública hoje é o crescente número de pessoas com depressão que são afastadas do trabalho. A cor azul é uma cor fria. Pode-se apreender que o azul por efeito de contraste apreende-se como o negativo.

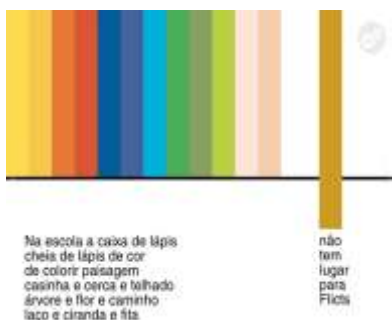
Nesta parte branca, ainda na página 11, a descrição de “*Flicts*”: “Era apenas o frágil e feio e aflito *Flicts*”. O fato do enunciado do texto estar escrito na parte branca na maioria das páginas pode levar o leitor a crer que a cor branca “empiricamente” é o espaço para se significar algo/alguém em um espaço em branco para escrever uma história de algo/alguém que não existia até então. Ou então apanhar efeitos de sentido de que no nada *Flicts* está só. Na atualidade o número de pessoas que vivem sozinhas é cada vez maior este fato pode ser confirmado por pesquisas do IBGE que mostram que as pessoas estão cada vez mais individualistas.

Os adjetivos (página 11) formam um retrato negativo da imagem do que é raro ou diferente na sociedade contemporânea. Atualmente na *internet* protegidos pela tecnologia e pela sociedade, jovens sentem-se no direito de

dizer o que desejam em redes sociais sem se preocupar com as consequências de seus atos.

Segundo Benveniste (1995, p. 68), o pronome pessoal é a representação do homem de “eu” em oposição a “tu” e “ele”. Na construção de todas as línguas não existe categoria de discurso mais importante que essa propriedade do pronome pessoal que introduz o sujeito no discurso. Voltando ao que é enunciado na página 11 de *Flicts*, o enunciado faz uma construção por contraste, como se não houvesse o outro em sua essência. O autor constrói a posição de apontamento do outro em imperfeições que na atualidade são ressaltadas em redes sociais pelo sujeito como verdades.

Ao atribuir os adjetivos à personagem o autor nos leva ao movimento de sentidos, os marcadores levam à características de pessoas. Assim o professor de Sociologia, História e outros podem utilizar em sala de aula a obra para tratar de assuntos relacionados às relações humanas. Temos como Direitos Humanos, inclusão, ou seja, tocar em assuntos que falam da aceitação do diferente.



### 3. Página 14

No caso do Ensino Médio, na página 14, no exemplo acima, ao relacionar a caixa de lápis no seu texto com discurso institucionalizado da escola, o autor faz uma crítica cercada de elementos simbólicos. Há uma separação entre a cor/*Flicts* e as outras cores constituição visual que ratifica a ideia global trazida pelo texto.

Na disposição, temos na parte superior, da esquerda para a direita, a imponência/supremacia das cores e em sequência após a cor rosa, o branco, assim o branco se prolonga até chegar *Flicts* que está afastada das demais.

Embaixo das cores principais antagonistas o texto aparece carregado de elementos figurados. O autor usa substantivos, “Na escola a caixa de lápis cheia de lápis de cor de colorir paisagem casinha e cerca e telhado árvore e flor caminho laço e ciranda e fita”. Já embaixo da cor Flicts: “não tem lugar para Flicts” (p. 14).

Na atualidade o jovem não conhece muito sobre a história da educação. A escola pública foi criada para servir à sociedade que se iniciara no século XVII com a chegada advento do capitalismo e teve como realidade a desigualdade social. A escola deveria permanecer com as crianças oriundas das classes mais pobres parte do dia, enquanto seus pais trabalhavam nas fábricas. É uma oportunidade de debate sobre a história da educação e a relações de poder que permeiam a escola.

A função da escola além de preencher o tempo da criança era de ensinar operações simples de formação de mão de obra para o sistema de divisão do trabalho, pois as fábricas precisariam de funcionários que estariam separados pelas classes sociais e que eles próprios não perceberiam a submissão que vinha das relações sociais da escola e outras relações, “esse mecanismo é exercitado até hoje pelo conjunto de práticas em instituições concretas, aparelhos ideológicos de estado” (ALTHUSSER, 1985, p. 8).



4. p. 16 e 17

A obra toda é rica em elementos alusivos para explicar nas páginas 16 e 17, como na figura acima, há uma comparação entre a magia de uma tarde de verão após a chuva, a chegada do arco-íris e o recreio na escola. A

metáfora acaba dando “voz” à cor quando ela pede para ser inserida no grupo. O recurso utilizado pelo artista é o verbo “deixar”.

A “voz” da personagem *Flicts* é dada pelo autor na página 17 onde o verbo “deixar” é o marcador do questionamento da “permissão” em que a personagem interpela o grupo ao qual quer pertencer. Assim para o processo de discussão em sala de aula sobre temáticas de grupos minoritários e a questão do dimensionamento da necessidade de debates em que o jovem hoje sabe que precisa se posicionar é deixada em forma de perguntas ao leitor pelo autor.



5. P. 18 e 19

Ao tratar de disposição de imagem, neste trecho em especial, o leitor apreende de que “lugar” *Flicts* poderia falar “lugar de assujeitado” já que nas páginas 18 e 19, o arco-íris está de forma convexa a dica ao leitor é também uma abertura para a reflexão: “Mas ninguém olhou para ele”, ou seja, as cores lhe dão as costas, e no centro direito a abertura para as formações discursivas (ORLANDI, 2013, p. 43), “as palavras falam com outras palavras”.

O capitalismo apresenta a ideia de que o sujeito é que escolhe suas condições de vivência, mas observa-se que o sujeito é ensinado a aceitar sua condição de “assujeitado” (ORLANDI, 2002, p. 50), desde a infância permanecendo assim submisso. No texto, *Flicts* aceita a situação a ela imposta. A problemática em filosofia sobre qual a proporção de maldade é exposta hoje neste momento histórico.

Na página 20 o autor propõe uma discussão sobre a formação do discurso que o docente pode explorar de várias formas. Segundo Orlandi (2013, p. 47), “o sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história.” Exemplo: “Sete é um número tão bonito” disse o Vermelho vermelho. As condições de produção incluem o contexto sócio histórico, ideológico (ORLANDI, 2013).



6. p. 20

O sujeito normatizado se organiza de forma que tudo ao nosso redor se redireciona aos números delimitados, é interessante perceber que o número “sete” que é o número das cores do arco-íris não teve sentido de pertencimento apenas ao arco-íris e que o número determinado ali, desloca para outros, já que foram ditos. O grupo de semelhantes é restrito e isso se repete abaixo. O discurso nos enunciados traz as problemáticas da sociedade hoje, o discurso normatizado de família, sobrenome de peso, tradição e por fim, o grupo é formado por elementos com atribuições definidas, ou seja, não há mais lugar.

Na formação discursiva podemos perceber outros efeitos de sentidos, por exemplo, quando o autor enuncia: disse o Vermelho vermelho; “vermelho” pode não significar a mesma coisa em diversas situações, para sujeitos cuja autoridade vem de sua representatividade política. Assim, a autoridade das palavras de um padre não significa do mesmo modo quando ditas da posição política de uma mãe. Deste modo, a palavra “vermelho” (p. 20), pode representar um estado de espírito (raiva, vergonha), ou, dependendo do lugar de onde se fala, pode significar, por exemplo, A Cruz Ver-

melha Internacional, movimento que salva vidas.

Enfim, os enunciados das personagens do Arco-íris são carregados de ideologia que segundo (ORLANDI, 2013) é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. Ainda neste trecho: “Somos uma grande família” disse o verde, parafraseando o discurso da família tradicional, porém os sentidos podem ser outros, “As palavras falam com as outras palavras” (ORLANDI 2013, p. 43), ser uma grande família pode não significar acolher, cuidar, amar, ter afeto, pois “família” significa Direito, organizar, estruturar e proteger a família dentro da materialidade histórica do sistema econômico vigente: Capitalismo.

Assim, o convite a uma análise de *Flicts* não só pelo contexto histórico que a obra representa para o Brasil, um marco na produção de Literatura infantil, mas também pela beleza de que a cada leitura os efeitos de sentido podem ser outros, construídos ou pelo imaginário de uma criança, ou pela construção das relações sociais de jovens formadas na materialidade histórica.

## 7. Considerações

Neste artigo debatemos a relevância da obra *Flicts* do autor Ziraldo fazendo assim, um recorte nos discursos apresentando como são construídos alguns dos sentidos. Vimos que o professor pode oportunizar aos alunos a mudança da prática social através de discussões de temas atemporais.

O fator analítico levado em conta a partir de *Flicts* é que a personagem/cor tem afeto, é rara, é comparada às demais, não se sente inserida no grupo, sofre na tentativa de ser incluída no grupo fato que não acontece. Então, há o político e o simbólico sendo afetado pela língua quando tratada a questão dos espaços institucionalizados através do percurso histórico.

O que é apreendido na sociedade, é que a ordem capitalista traz uma incoerência. Desse modo, a inclusão social, instituições como a família, preservação de integridade, direito a ter direito mudam à medida que se analisa que há uma ordem natural de obrigações e interesses que operam em função de manter certa estabilidade na sociedade do grupo dominante sobre o grupo dominado.

Ao analisar questões como as tratadas no texto de *Flicts* “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”.

(ORLANDI, 2013, p. 46), segundo a autora o sujeito se percebe como pertencendo pela ideologia, uma vez que a ideologia entende-se como a realidade prática de um grupo social e econômico imposta de maneira natural, como os costumes, por exemplo, por quem exerce o poder sobre os demais do grupo.

Apreende-se assim, que a escola é um espaço social onde as relações de forças estão sempre em tensão de “resistência” entre as instâncias de hierarquia que foram normatizadas pelo Estado. O papel social do professor é significativo como mediador na mudança de prática social do aluno.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE) / Luis Althusser; tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro; introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BENVENISTE, Émile. 1902 – 1976. *Problemas de linguística geral I*: Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; revisão do prof. Isaac Nicolau Salum – 4. ed. – Campinas, SP : pontes, 1995. Unicamp. (linguagem crítica)

FLICTSONLINE (imagens) [https://www.google.com.br/search?q=todas+as+imagens+do+livro+flicts&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=\\_](https://www.google.com.br/search?q=todas+as+imagens+do+livro+flicts&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=_)

PINTO, Ziraldo Alves. *Flicts / Ziraldo*. Ilustrações do autor. – 52. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2005 – (Mundo Colorido)

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso*: princípios e procedimentos / Eni P. Orlandi. 11. ed. Campinas, SP: Pontes, 2013.

<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2018/lei-13696-12-julho-2018-786975-publicacaooriginal-156036-pl.html> / Acessado em 30/08/18 às 10h e 06min.

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21255-analfabetismo-cai-em-2017-mas-segue-acima-da-meta-para-2015.html> / Acessado em 31/08/18 às 07h53min.

<http://www.educacional.com.br/ziraldo/biografia/detalhada.asp> Acessado /Acessado em 03/09/18 às 8h39min.